

**REGIONALISMO E NEO-REALISMO,
UM DISCURSO INTERCULTURAL E LITERÁRIO**
Regionalism and Neo-Realism: na intercultural literary discourse

Geraldo Nogueira de Amorim*

RESUMO: *Sucedâneos do romantismo social e do realismo-naturalismo do século XIX, o regionalismo nordestino e o neo-realismo português dos anos 30-40 trilharam o caminho da obra-documento, denunciando conflitos e tensões sociais conseqüentes do sistema capitalista então vigente. Herdeiros do cientificismo e socialismo oitocentista, tais movimentos literários sucedem a primeira fase do modernismo brasileiro de 1922 e do presencismo português de 1927, respectivamente. Em face disso, colocam novamente em circulação suas teses básicas e acrescentam novas matrizes, resultantes da evolução política e ideológica desenvolvida na primeira metade do século XX.*

PALAVRAS-CHAVES: *Denúncia, Conflitos, Tensões Sociais, Linha de Resistência, Obra-Documento.*

ABSTRACT: *Successors of the Romanticism and the Realism-naturalism of the nineteen century, the Brazilian Northeastern and de Portuguese New Realism of the 40/30 decades tracked the document-work way, reporting social conflicts and tensions consequent of the current capitalism system at the time. Heirs of the scientific and socialism of the 800s, these literary movements succeed the first phase of the 1922 Brazilian Modernism and the literary Portuguese movement cold "Presencimo", respective. For this reason, the Brazilian Regionalism and Portuguese New Realism put their theses in circulation again and add news matrices, results of the ideology and politic evolution built in the first half of the twenty century.*

KEY WORDS: *Report, Conflicts, Social Tensions, Tight Line, Document-work.*

O discurso regional, deste o romantismo construído pela mitificação assim como pela hierarquização dos valores, confronta-se, a partir de 1930, mais intensamente, com uma reflexão crítica sobre sua validade. Com semelhante insistência, intensifica-se o questionamento de base ideológica e do papel político desse mesmo discurso. Nesse debate, o romance de 30 se apresenta como um painel

* Professor da Universidade Federal da Paraíba

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 173-179
------	-------------	------	------	---------------	-----------

de representação literária da região e da discussão que sobre ela é travada, inaugurando, no campo ficcional, uma vertente crítica que desde então tem sido ponto de referência para as diversas manifestações artísticas sobre o Nordeste.

A vertente regionalista da literatura brasileira não é uma manifestação linear e evolutiva, nem formal nem tematicamente. Entretanto, mesmo com as diferenças que vão de uma época para outra, e entre os autores, é possível encontrar traços que aproximam algumas obras de outras. Nesse sentido, a produção literária tem uma participação considerável no processo histórico de construção do discurso regional, aqui entendido como elaboração de uma imagem mítico-nostálgica do Nordeste, como resgate simbólico de um espaço perdido, em cujo solo estão as raízes da identidade nacional.

Em síntese, verificamos que os anos 30 representam um esforço significativo em busca da centralização do poder político nacional, projeto nem sempre concretizado, sobretudo em razão das oligarquias locais. No bojo desse esforço, surgem iniciativas com vistas à modernização do país no plano das conquistas técnicas, preocupações desenvolvimentistas que se desdobram nas décadas subseqüentes, em particular nos anos 50. Ilustra isto a criação da Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste, SUDENE.

No campo da literatura, é indispensável observar como a produção romanesca tratou de alguns temas recorrentes no regionalismo literário, em geral presentes no imaginário social nordestino, como por exemplo: a seca, o cangaço, o misticismo e o mandonismo local¹.

Nessa mesma perspectiva, seja como grito de alerta seja instrumento de combate diante de um momento histórico ameaçado, “o neo-realismo português inscreve-se na tendência mundial da arte revolucionária nos anos 30 do presente século²”. Vindo à tona no final da década de 30, em oposição direta à arte pela arte que caracterizou o presencismo, a nova manifestação literária e cultural instala-se num clima polêmico que muito contribuiu para definir a recepção que tem recebido desde então até os nossos dias.

Defensores e opositores do movimento em um aspecto

¹ Cf. AMORIM, José Edilson. *Era uma vez o Nordeste*. Tese de Doutorado defendida na UFPB em 1998, p. 7.

² FERREIRA, Ana Paula. *Alves Redol e o neo-realismo português*. Lisboa, Editorial Caminho, 1992, p. 11.

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 173-179
------	-------------	------	------	---------------	-----------

concordam, especialmente quando emitem opinião crítica no calor da hora, concebendo o romance neo-realista ora como uma espécie de recriação do romantismo e do naturalismo, ora como expressão original de ver e de pensar o mundo. Seja como for, entre a memória da tradição e a emergência ideológica, o neo-realismo coloca novamente o romance em circulação em Portugal.

O neo-realismo tem seu marco oficial em 1939, quando da publicação do romance *Gaibéus*, de Alves Redol³, desenvolvendo-se nos anos subsequentes. São seus representantes: Soeiro Pereira Gomes, Faure de Rosa, Manuel da Fonseca, Vergílio Ferreira, Fernando Namora e Carlos de Oliveira. Tendo influenciado escritores de outras tendências, como é o caso, por exemplo, do escritor-cronista, Joaquim Paço D’Arcos, autor, entre outras, da obra *Crônica Lisboeta*.

A propalada indiferença à profundidade psicológica das personagens, a despreocupação formal, o gosto pelo traço regionalista e a tonalidade lírica constituem as bases principais sobre as quais se levantam as críticas contra o romance neo-realista por virtude do seu suposto romantismo⁴.

Assim, interessa-nos estudar o fazer literário desse dois movimentos artísticos que apresentam traços em comum e que disputaram a preferência do público leitor luso-brasileiro, desde seus alvares até hoje.

Sucedâneos do romantismo social e do realismo-naturalismo do século XIX, o regionalismo nordestino e o neo-realismo português dos anos 30 – 40, trilharam o caminho da obra-documento, denunciando conflitos e tensões sociais conseqüentes do sistema capitalismo então vigente. Nesse sentido, o escritor insurge-se contra a realidade que o cerca, de tal maneira que “o seu lugar e no lado oposto da ordem estabelecida”, no dizer de Antônio Cândido (1989, p. 195).

Herdeiros do cientificismo e do socialismo oitocentista, tais movimentos literários sucedem a primeira fase do modernismo brasileiro de 1922 e do presencismo português de 1927, respectivamente. Em face disso, colocam novamente em circulação suas teses básicas e acrescentam novas matrizes, resultantes da evolução política e ideológica desenvolvida na primeira metade do século XX.

³ Cf. MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1970, p. 318.

⁴ Cf. FERREIRA, Ana Paula. Op. Cit. p. 12.

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 173-179
------	-------------	------	------	---------------	-----------

Nesse sentido, estabelecer um paralelo entre o regionalismo e o neo-realismo, tomando como parâmetro a produção literária do período, é tarefa que se fundamenta em dois princípios básicos: os estudos comparativos e as relações interculturais e literárias que envolvem as duas literaturas, autônomas entre si, porém elaboradas segundo o mesmo sistema literário e impressas num código lingüístico comum.

Herdeiro da tradição regional que vem de Franklin Távora e José de Alencar, durante a vigência do Romantismo, o regionalismo do nordeste brasileiro representa uma resposta ao modernismo de 1922. A diferença reside no fato segundo o qual, o “movimento paulista” respondia e correspondia ao surto industrial dos anos de guerra, a imigração e o conseqüente processo de urbanização da época⁵, enquanto o referido regionalismo “assume o papel de resgate da literatura e do patrimônio ameaçado⁶”. Daí porque o primeiro se concentrou mais detidamente no projeto estético, ao passo que o segundo deu maior ênfase ao projeto ideológico, passando então a se discutir a função da literatura, o papel do escritor e as relações da ideologia com a arte.

Convém salientar que a campanha em defesa do regionalismo, liderada por Gilberto Freyre, de certo modo, ia de encontro à proposta modernista, então denominada futurista, defendida em Pernambuco pelo jornalista Joaquim Inojosa. À parte tal querela, Ascenso Ferreira fez chegar ao público sua arte poética, inserida ao espírito modernista, ao tempo em que outros autores foram se revelando e conquistando o reconhecimento nacional, caso, por exemplo, dos poetas Joaquim Cardoso e Jorge de Lima⁷.

O modernismo havia, portanto, cumprido seus propósitos; todavia, em outras partes do país novos grupos apresentavam problemas que reclamavam diferente solução. Nessa atmosfera, em 1928, o romance *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida, iniciava o ciclo da prosa de ficção nordestina, a qual iria ganhar expressão na escrita de Rachel de Queiroz, Jorge Amado, José Lins do Rego e

⁵ Cf. LAFETÁ, João Luiz. “Estética e Ideologia: O Movimento de 1930”. In “Argumento”. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra nº 2, Nov/1973, p. 25.

⁶ GOMES DE ALMEIDA, José Maurício. *A Tradição Regionalista no Romance Brasileiro*. Rio de Janeiro, Ed. Achiamé, 1981, p. 113.

⁷ Cf. AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e Regionalismo (Os Anos 20 em Pernambuco)*. João Pessoa, Ed. Universitária, 1996, p. 151.

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 173-179
------	-------------	------	------	---------------	-----------

Graciliano Ramos.

Em sintonia com o que vinha acontecendo na literatura comprometida com o social, nos Estados Unidos, na América Latina e no Brasil, surge o neo-realismo em Portugal. Neo-realismo, cujo prefixo “neo” indica a existência de um movimento similar anterior, no caso, o realismo do final do século XIX, assim como a ruptura que pretende instaurar nas letras lusitanas⁸. Desse modo, o neo-realismo é a um só tempo, interpretação de um mundo e interpretação de si mesmo, enquanto discurso e expressão artística.

Visto por outro ângulo, o movimento em apreço representa a reação portuguesa aos conflitos sociais que estavam ocorrendo lá fora e repercutiam dentro do país, entre eles o fascismo italiano e o nazismo alemão, a partir dos quais foi traçado o eixo Berlin-Roma-Tóquio, que resultou na Guerra Civil em Espanha. Tal fato, acelerou o processo que culminou com a Segunda Guerra Mundial⁹.

Coube, por conseguinte, à “Geração de 40”, o papel de estabelecer a “Escrita neo-realista”¹⁰. Seus representantes, em geral, remanescentes da pequena burguesia, quase todos nascidos no começo do século XX, herdaram da geração intelectual anterior, representada por Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros, entre outros, as decepções da primeira República. Adversários ideológicos do integralismo lusitano, os precursores e cultores do neo-realismo assumiram uma prática literária oposta àquelas assumidas pelos primeiro e segundo momento do modernismo em Portugal, ou seja, os movimentos desencadeadores em torno das revistas “*Orpheu*” e “*Presença*”, em 1915 e 1927, respectivamente.

Por outro lado, foi por via brasileira que chegaram os estímulos mais literários propriamente ditos, através da prosa de ficção de Jorge Amado, José de Lins do Rego, Amando Fontes, Graciliano Ramos e Érico Veríssimo. Além disso, acrescenta-se a tradição de autores soviéticos, norte americanos e latino-americanos, igualmente integrados à proposta de intervenção social.

Coimbra, mais uma vez, serviu de cenário por onde circulou boa parte da citada geração. Em geral, estudantes universitários, os

⁸ Cf. PAULA FERREIRA, Ana. *Alves Redol e o Neo-Realismo Português*. Lisboa, Editorial Caminho, 1992, p. 65.

⁹ Cf. SACRAMENTO, Mário. *Fernando Namora*. Lisboa: Ed. Arcádia, 1967, p. 65.

¹⁰ A Expressão “*Escrita Neo-Realista*” e Benjamin Abdala Junior, Autor do Livro do mesmo nome, Editado em São Paulo, Ed. Ática, 1981.

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 173-179
------	-------------	------	------	---------------	-----------

quais divulgavam os fundamentos do novo credo literário em jornais e revistas do país, tais como “*O Diabo*”, “*Vértice*” e “*Sol Nascente*”.

A crítica especializada (representada por Alexandre Pinheiro Torres e Mário Sacramento) tem situado o neo-realismo em duas fases distintas, porém complementares. A primeira tem como marco inicial a publicação do romance *Gaibéus*, de Alves Redol, em 1939; a segunda, por ocasião do lançamento do romance *Mudanças*, de Vergílio Ferreira, em 1950¹¹.

Tal divisão corresponde, direta e indiretamente, à ideologia predominante em cada um dos períodos, bem como ao posicionamento assumido por seus principais representantes. Na primeira fase, centrada na reação à arte pela arte presencista; na segunda, com o propósito de refletir as tensões sociais e psicológicas advindas com a Guerra-Fria, nos anos cinquenta, quando o destino da humanidade estava nas mãos dos Estados Unidos e da antiga União Soviética, então maiores potências mundiais, por isso mesmo detentoras do arsenal bélico.

Quanto aos pressupostos básicos do movimento artístico em apreço, segundo Alexandre Pinheiro Torres, começariam pela maneira de contestar o realismo burguês de oitocentos, também conhecido por socialismo histórico da Geração de 70, propondo a substituição pelo materialismo dialético, ou novo humanismo¹².

Assim, o neo-realismo é um movimento estético e ideológico que exprime a incidência cultural de um processo histórico, econômico, político e social, cujas raízes estão vincadas no século XIX. Todavia, enquanto proposta literária e ideológica, a escrita neo-realista, representada por Alves Redol, Fernando Namora e Carlos de Oliveira, entre outros, constitui uma linha de resistência frente a um dos períodos dos mais controvertidos da história recente de Portugal, que fixou conhecida por salazarismo.

Desse modo, os componentes que tanto aproximam quanto separam um movimento do outro, devem-se não só ao mesmo contexto social e literário em que se inserem, bem como às tendências artísticas predominantes naquele momento historicamente datado. Fato que, além de estreitar a circulação literária do macrossistema

¹¹ Cf. TORRES, Alexandre Pinheiro. *O Movimento Neo-Realista em Portugal na sua primeira fase*. Lisboa, Instituto de Cultura de Língua Portuguesa, 1983.

¹² Cf. DIONÍSIO, Mário. “*A Literatura e o Momento Político*”. In “*Seara Nova*”. Lisboa, nº 1000 k- 1007, p. 1946.

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 173-179
------	-------------	------	------	---------------	-----------

luso-brasileiro, estreita ainda mais os laços que unem as duas literaturas de língua materna comum.

REFERÊNCIAS

- ABDALA JUNIOR, Benjamin. A Escrita Neo-realista – In: **Literatura, História e Política**. Ática, 1989
- AMORIM, José Edílson. **Era uma vez o nordeste**. Tese de doutorado defendida na UFPB, em 1998.
- AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. **Modernismo e Regionalismo** (Os anos 20 em Pernambuco). João Pessoa: Editora Universitária, 1996.
- DIONÍSIO, Mário. “A Literatura e o momento político”. In **Seara Nova**, Lisboa, nº 1000 k, 1946.
- FERREIRA, Ana Paula. **Alves Redol e o neo-realismo português**. Lisboa: Editorial Caminho, 1922.
- GOMES DE ALMEIDA, José Maurício. **A tradição regionalista no romance brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Achiamé, 1981.
- LAFETÁ, João Luiz. “Estética e ideologia: o movimento de 1930”. In **ARGUMENTO**. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1973.
- SACRAMENTO, Mário. **Fernando Namora**. Lisboa: Ed. Arcádia, 1967.
- TORRES, Alexandre Pinheiro. **O movimento neo-realista em Portugal na sua primeira fase**. Lisboa: Instituto de Cultura de Língua Portuguesa, 1983.

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 173-179
------	----------------	------	------	------------------	-----------